

Barbosa, Rafael Mello  
Sobre o Princípio de não-contradição : Entre Parmênides e Aristóteles

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## **SOBRE O PRINCÍPIO DE NÃO-CONTRADIÇÃO: ENTRE PARMÊNIDES E ARISTÓTELES**

Rafael Mello Barbosa  
CEFET/RJ

---

**RESUMO** – O artigo procura mostrar que Parmênides não deve ser considerado precursor do princípio de não contradição. Não são poucos aqueles que compreendem os versos B2 do poema de Parmênides como o princípio de não contradição *avant la lettre*. Contudo, quando se realiza tal aproximação, perdemos de vista aquilo que parece ser próprio de cada autor. Por um lado, Parmênides defende o *Monon On*, o Ser Único, como testemunham Platão, Zenão e Melisso. Por outro lado, é preciso não assumir uma parte mais fundamental da formulação do princípio de não contradição, do contrário teríamos que sustentar um princípio do princípio mais fundamental, o que implica ter que manter o movimento e a pluralidade como itens essenciais da formulação do primeiro princípio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aristóteles, Metafísica, Física, Princípio de Não-Contradição, Método Hermenêutico.

**ABSTRACT** – This article attempts to show that Parmenides should not be considered precursor of the non- contradiction principle. Not a few interpreters who understand the ‘B2’ verses of Parmenides’ poem as the principle of non-contradiction *avant la lettre*. However, when they perform this approach is lost what is proper to each author. On the one side, Parmenides defends the “*Monon On*”, the One Being, as testify Plato, Zeno and Melisso. On the other hand, we must not assume a more important part of the formulation of the principle of non-contradiction; otherwise we need to support a principle for the most fundamental principle, which implies having to keep the motion and the plurality as essentials in the formulation of the first principle.

**KEYWORDS:** Aristotle, Metaphysics, Physics, Non-Contradiction Principle, Hermeneutical Method

---

Barbosa, Rafael Mello  
Sobre o Princípio de não-contradição : Entre Parmênides e Aristóteles

“O que é e, como tal, não é para não ser, o que não é e, como tal, é preciso não ser”<sup>1</sup>.

“É impossível o mesmo ser e não ser no mesmo, ao mesmo tempo segundo o mesmo”<sup>2</sup>.

A comparação é um expediente válido dentre os métodos científicos. Por ela compreendemos melhor os fenômenos, uma vez que é possível traçar fronteiras, determinar pontos de aproximação e de divergência entre os fatos. Ela é amplamente utilizada pelos cientistas naturais e cientistas humanos, bem como por filósofos. No entanto, apesar da sua grande disseminação, o uso da comparação pode levar o pesquisador a resultados cientificamente desastrosos, caso se esqueça de levar em consideração, no momento da comparação, que os itens envolvidos estão organizados em esquemas lógicos e que é preciso respeitar a estrutura natural e discursiva do sistema em que eles estão envolvidos. Alguém poderia julgar que deve comparar o nariz humano com o focinho de um golfinho, no entanto, caso não se considere a lógica do aparelho respiratório de ambos os animais independentemente, tal comparação não será mais do que superficial.

Nos estudos aristotélicos, de maneira geral, temos por hábito comparar conceitos e noções, muitas vezes sem levar em conta a estratégia argumentativa do *locus* de onde os extraímos. Podemos comparar diretamente um pedaço da *Metafísica* com o *Sobre o Céu* ou com a *Física*, sem nos questionar se nessas obras tais conceitos são usados no mesmo sentido – ainda que todos estejam cientes que cada conceito pode ser dito de muitas maneiras. Esse hábito levou os estudiosos da área a compararem Aristóteles não só com ele mesmo, mas também com Platão e com alguns pré-socráticos – como, por exemplo, Parmênides, filósofo que a tradição julga ter sido o precursor do Princípio de Não-Contradição.

Este artigo tem como objetivo mostrar que essa assimilação dos princípios fundamentais erigidos pelo filósofo de Eléia e pelo de Estagira comporta uma falha

---

<sup>1</sup> Parmênides, B2. Tradução Fernando Santoro, UFRJ

<sup>2</sup> Aristóteles, *Metafísica*, IV, 1005b19-20.

Barbosa, Rafael Mello

Sobre o Princípio de não-contradição : Entre Parmênides e Aristóteles

hermenêutica que obscurece a compreensão de ambos. Além disso, procurar-se-á evidenciar a importância da completude da formulação do princípio de não-contradição para a sua real compreensão e como, ao contrário da posição parmenídea, este princípio permite que coisas sejam e não sejam. Defende-se aqui que o Princípio de Não-Contradição não impele à permanência estática nem ao monismo solipsista, mas à realização plena dos entes que comportam e requisitam a multiplicidade e o movimento.

“Há muito que os intérpretes apontaram nesse princípio de Parmênides a primeira grande formulação do Princípio de Não-Contradição”<sup>3</sup>. Este testemunho de Reale, eminente historiador da Filosofia, deixa claro que não é difícil encontrar autores que assimilam a formulação do princípio de não-contradição ao fragmento B2 de Parmênides. Para isso reduzem o Princípio de Não-Contradição a sua suposta “formulação básica”: é impossível ser e não ser. Dito dessa maneira, a formulação do princípio em sua “acepção básica” se assemelharia, quase que perfeitamente, à formulação parmenídea sobre o ser, ainda que o enunciado do Princípio permaneça incompleto por se ter abandonado aquilo que nele seria “secundário”. De fato, a mutilação do Princípio, a possibilidade de abandonar as partes “secundárias” dele, é o que permite a compreensão comum de que Parmênides teria sido o criador desse princípio que foi plenamente desenvolvido por Aristóteles, posteriormente.

Como é possível ver, não é difícil encontrar uma grande recorrência de autores<sup>4</sup> que assimilam a Filosofia parmenídea à aristotélica no que tange ao Princípio de Não-

---

<sup>3</sup>REALE, 2003, p. 33.

<sup>4</sup>De fato, não há concordância geral sobre esta questão. E não são poucos os que reúnem como uma duas concepções diferentes:

“Coupled with the second claim is the still more precise assertion that Parmênides was a first thinker to have elevated the principle of contradiction” (STANNARD, Jerry *Philosophical Review*, vol. 69, n 4, pp. 526-533.) “ O princípio de não-contradição forte de Parmênides exige a anulação dos qualificadores dos predicados, talvez em uma tentativa de evitar toda a realidade contextual que possa impedi-los de ser verdadeiros. Qualquer predicado que admita a contradição, ou seja, que permita dizer é e não é daquilo que é, embora em contexto distintos é então recusado.” (Eliane Cristina de Souza, [www.puc-rio.br/parcerias/sbp/pdf/6-elianer.pdf](http://www.puc-rio.br/parcerias/sbp/pdf/6-elianer.pdf)). “Thus, for Parmenides, the way of truth is the one true being that can be grasped by intellect alone. The way of seeming, on the other hand, is the contradictory world of the senses, a world that can be created and a world that can perish, a world where opinion, not truth, occupies the minds of men. The way of truth becomes a path leading directly to the right and just realm of intellect, a realm governed by Parmenides' bivalent principle of non-contradiction: that which is is and that which is not is not. That is to say, that which is cannot both be and not be.”(CAMPBELL, Stephen. [http://www.aug.edu/dvskel/Campbell 2002.htm](http://www.aug.edu/dvskel/Campbell%2002.htm)). “O rigor de Aristóteles em suas análises levou-o a determinar um princípio,já elencado por Parmênides: algo não pode ser e não ser ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto. Em outras palavras, não se pode ter uma tese verdadeira e falsa ao mesmo tempo. Trata-se

Barbosa, Rafael Mello

Sobre o Princípio de não-contradição : Entre Parmênides e Aristóteles

Contradição, os quais chegam mesmo a dizer que Parmênides teria sido o precursor deste princípio e que Aristóteles teria apenas aperfeiçoado sua formulação. Desse modo, Parmênides não poderia ser compreendido sem a sua relação com o Princípio de Não-Contradição. O mérito de Aristóteles concernente a esse tema, seria expor de maneira mais sistemática aquilo que Parmênides já teria enunciado.

José Trindade dos Santos, argumentando sobre a consequência dos dois caminhos do poema de Parmênides, diz que “podemos condensá-los nos três princípios lógicos que a tradição instituiu como tutelares: identidade, contradição e terceiro excluído”<sup>5</sup>.

Charles Kahn afirma diretamente que

Parmênides, de certa maneira, declarou o Princípio de Não-Contradição, assim como muitas escolas reconhecem desde o tempo de Reinhardt.[...] De fato, para mim não está claro se nós podemos entender o argumento de Parmênides como um todo se nós negarmos a ele o uso das leis do terceiro excluído e não contradição como axiomas fundamentais<sup>6</sup>.

Porém, uma filiação deste gênero, uma afirmação tão relevante, não pode ser proposta sem uma análise ulterior. Portanto, o que nos propomos aqui é investigar, ainda que de maneira breve, se Parmênides pode ser considerado como o pai deste que é avaliado (ao menos por Aristóteles) como o mais seguro dos princípios.

Para tanto, é preciso tentar compreender, separadamente, o texto parmenídeo (fragmento B2) e o texto aristotélico (o enunciado do Princípio de Não-Contradição, Metafísica IV), para, então, alcançarmos posteriormente uma posição que nos permita vislumbrar se Parmênides pode, verdadeiramente, ser considerado o primeiro a formular o PNC<sup>7</sup>, ou seja, se aquilo que Parmênides quis dizer em seu poema, sobretudo em B2, é similar àquilo que Aristóteles quis dizer quando enunciou o PCN.

Como é fácil perceber, as duas formulações, de Parmênides e de Aristóteles, não são completamente distintas e poderiam, até mesmo, ser assimiladas. O PNC é formulado

---

do princípio de não-contradição, um dos quesitos mais importantes para o estudo de conjuntos de proposições em um discurso.” (PASCHOAL, Antonio Edmilson. Metodologia Da Pesquisa Em Educação: Analítica & Dialética. [http://www.pucpr.br/comunicacao/revistas\\_cientificas/dialogo\\_educacional/pdf/n\\_3/documentos2.pdf](http://www.pucpr.br/comunicacao/revistas_cientificas/dialogo_educacional/pdf/n_3/documentos2.pdf))

<sup>5</sup> SANTOS, 2000.

<sup>6</sup> KAHN, 1997.

<sup>7</sup> Entenda-se, daqui para frente, PNC por Princípio de Não-Contradição.

Barbosa, Rafael Mello

Sobre o Princípio de não-contradição : Entre Parmênides e Aristóteles

da seguinte maneira: “*é impossível o mesmo existir e também não existir simultaneamente no mesmo conforme o mesmo (modo)*”<sup>8</sup>. No fragmento B2 do poema parmenídeo, a deusa se pronuncia assim:

Pois bem, agora vou eu falar, e tu, presta atenção ouvindo a palavra acerca das únicas vias de questionamento que são a pensar: uma, para o que é e, como tal, não é para não ser, é o caminho de persuasão — pois segue pela Verdade —, outra, para o que não é e, como tal, é preciso não ser, esta via, afirmo-te que é uma trilha inteiramente insondável; pois nem ao menos se conheceria o não ente, pois não é realizável, nem tampouco se diria.<sup>9</sup>

Ao lermos o texto aristotélico não podemos deixar de notar o quão próxima parece ser a formulação parmenídea “o ser é e o não ser não é”<sup>10</sup> com a primeira parte do enunciado “é impossível o mesmo existir e também não existir”<sup>11</sup>. Mesmo que haja uma diferença quanto aos verbos usados, *éstin* (é) e *hypárchein* (existir), eles podem assumir sentidos estreitos – podendo mesmo, o último, ser traduzido por *ser*, *estar*, *existir*, muito próximos de *éstin*. Portanto, aqueles que se focam na primeira parte do PNC encontram um texto muito similar ao de Parmênides.

Contudo, será que essa transposição que aos nossos olhos parece tão natural revela uma correlação profunda entre esses dois autores, ou o nosso afastamento da questão? Ainda que as formulações e o pensamento desses dois filósofos sejam semelhantes, não seria um anacronismo conceder que Parmênides teria elaborado primeiramente a ideia do PNC, que só foi propriamente anunciada por Aristóteles quase dois séculos depois? Mesmo que consideremos este como princípio universal (isto é, um princípio presente enquanto haja discurso humano de conhecimento), temos o direito de dar tamanho salto, afirmando que aquilo que Parmênides enuncia corresponde ao que Aristóteles quis dizer ao formular o enunciado do PNC séculos depois?

Não se tem a intenção de discutir, aqui, a edição, a tradução ou a hermenêutica do texto de Parmênides; a abordagem do poema do filósofo eleático dar-se-á segundo a

---

<sup>8</sup> Aristóteles, *Metafísica*, IV, 1005b19-20.

<sup>9</sup> Parmênides, B2. Trad. Fernando Santoro, OUSIA/UFRJ, 2006.

<sup>10</sup> Parmênides, B2. Trad. Fernando Santoro, OUSIA/UFRJ, 2006.

<sup>11</sup> Aristóteles, *Metafísica*, IV, 1005b19-20.

Barbosa, Rafael Mello

Sobre o Princípio de não-contradição : Entre Parmênides e Aristóteles

perspectiva da tradição filosófica, em que se inserem não só os seus discípulos mais próximos, Zenão e Melisso, como também Platão e Aristóteles. Segundo essa abordagem, Parmênides se configura um defensor da doutrina do único ser, isto é, de que existe apenas um ser e o que está para além dele não existe em absoluto.

Encontramos no fragmento B2 de seu texto *Acerca da Natureza* as palavras que a Deusa lhe confiou e lhe ordena assumir e seguir: *o que é e não é para não ser, e, o que não é e é preciso não ser*<sup>12</sup>. Por um lado, encontra-se o ser (o que efetivamente existe) em conjunto com a necessidade de sua existência, uma vez que ele deve existir sempre; por outro lado, o não-ser, aquilo que deve necessariamente não existir. Entre eles (o ser e o não-ser) não há meio termo, não há nada que, conjuntamente, se relacione com o ser e com o não ser.

E que coisas são essas que, segundo o texto parmenídeo, não podem ser? Todas aquelas que possuem algum vínculo com o tempo, isto é, homens, outros animais, vegetais... Tudo que desabrocha, nasce, é destruído e morre – enfim, tudo que não existe totalmente, mas que altera sua configuração ao longo do tempo; tudo que é da ordem do natural.

Este parece ser o conhecimento mais profundo acerca da natureza enunciado por Parmênides: a respeito do mundo natural não é possível verdadeiramente pensar nada, conhecer nada, ou comunicar nada. Isto porque, para Parmênides, não há algo no mundo físico que seja absolutamente uno, completo e imóvel, razão pela qual este mundo e as coisas que estão nele não existem. Provavelmente, é desta via que a Deusa ordena que Parmênides se afaste.

Portanto, ainda que este seja um poema intitulado *Acerca da Natureza*, o objetivo principal do eleático não é introduzir-se no conhecimento da natureza e das coisas naturais, e sim delimitar o limite do conhecimento humano com relação ao mundo natural, no intuito de concentrar-se sobre aquilo que efetivamente é e é passível de ser conhecido: o ser.

No fragmento oitavo de seu poema, Parmênides indica os sinais que levam ao ser, que, além de ser descrito como *ingênito e imperecível*, o é também como *todo único e indivisível*. Em Parmênides, portanto, para que o ser exista, é preciso que seja único, isto é,

---

<sup>12</sup> Parmênides, B2. Trad. Fernando Santoro, OUSIA/UFRJ, 2006.

Barbosa, Rafael Mello

Sobre o Princípio de não-contradição : Entre Parmênides e Aristóteles

a única coisa que existe. Se ao ser não é permitido alteridade, então a alteridade pertenceria ao não ser; da mesma forma, toda pluralidade que nós mortais consideramos existente é apenas engano e não-ser.

Mesmo que fossemos tentados a considerar o ser parmenídeo como a natureza, como um todo, tanto material quanto formalmente, não haveria motivos para desconsiderar suas partes ou para separar o sentido de natureza do sentido de princípio. Assim, se o ser fosse a natureza e princípio, as partes deste todo seriam requisitadas e o ser parmenídeo daria origem aos entes naturais, uma vez natureza que é sempre fonte de constituição dos entes naturais. O ser parmenídeo não pode ser dito no sentido mais básico em que natureza é dita, isto é, como princípio, pois, se assim fosse dito, implicaria, necessariamente, naquilo que resulta do princípio. O “Único Ser” não pode ser pensado como princípio da natureza ou de qualquer outra coisa, visto que princípio efetivo é princípio de coisa ou coisas. Admitir o ser como princípio e como natureza seria considerar existente um mundo que deve não ser. Um mundo derivado, mas diferente do princípio mesmo. Uma vez que princípio efetivo implica no principiado, isto é, em multiplicidade (princípio e principiado), considerar o “Único Ser” como princípio originador, seria introduzir de imediato a alteridade no esquema tautológico de Parmênides, fazendo aparecer um outro diferente que não o único ser.

Independentemente da corrente interpretativa utilizada para compreender o texto parmenídeo, a partir de nenhuma delas se pode afirmar que no poema parmenídeo se pretendia tornar o mundo sensível e natural um objeto de conhecimento em um mesmo estatuto do ser. Mesmo que certa interpretação perceba a via dos mortais como uma via de conhecimento, esta não poderá nunca estar na mesma dimensão que a via do ser, nem tão próxima da verdade. A via do mundo sensível que comporta a alteridade nunca irá convergir com a via do ser, são duas paralelas que nunca se tocam. O ser parmenídeo está isento de tudo que toca o não ser. Dessa maneira, caso o PNC tivesse sido formulado por Parmênides, ele estaria circunscrito a este âmbito onde o tempo, o movimento e a alteridade não existem, onde o que é deve sempre ser, e sempre do mesmo modo.

De fato, Aristóteles dá notas de conhecer bem a filosofia de Parmênides, assim como a dos outros *physikoi*; aliás, faz parte da metodologia aristotélica, começar analisando as opiniões dos predecessores sobre o problema colocado em questão, razão

Barbosa, Rafael Mello

Sobre o Princípio de não-contradição : Entre Parmênides e Aristóteles

pela qual Aristóteles é uma das principais fontes doxográficas sobre os que primeiramente filosofaram. Contudo, esse fato não é argumento suficiente para determinar a anterioridade de Parmênides quanto à formulação do PNC, uma vez que conhecer um autor não significa concordar nem assumir suas posições. Por sua vez, Aristóteles dá muitas notas do seu desacordo com a posição eleática: no primeiro livro da *Física*, por exemplo, ao examinar o argumento parmenídeo, diz ele que Parmênides e Melisso “assumem premissas falsas e inconcludentes”<sup>13</sup>. Grosso modo, assumem premissas falsas porque julgam que o ser se diz de apenas uma maneira, e inconcludentes porque, mesmo que existisse apenas um único ser, nada impediria que ele sofresse alterações, como a água que se move em si mesma.

Além de Parmênides e de seus discípulos (Zenão e Melisso), outros filósofos consideraram impossível conhecer verdadeiramente a realidade natural, sensível, móvel e múltipla. Crátilo, conduzindo ao extremo o pensamento de Heráclito, assume a impossibilidade de falar e, portanto, de estabelecer um discurso de conhecimento sobre o mundo que nos cerca. Platão, imbuído tanto da influência de Parmênides quanto da influência de Crátilo, nega que o mundo sensível possa figurar como um objeto de conhecimento efetivo. Estaria Aristóteles vinculado a essa corrente filosófica dos que supõem ser impossível o conhecimento do mundo natural?

Basta abrir a *Física* de Aristóteles para que se tome ciência do quão distante da posição parmenídea está a filosofia do estagirita. Esse tratado procura estruturar cientificamente “aquilo que concerne aos princípios da ciência da natureza”<sup>14</sup>, e, já no segundo livro, a natureza e os entes naturais são analisados minuciosamente. É preciso notar que a definição de natureza, que aí é elaborada, traz em seu cerne a sua implicação com o movimento: “é um certo princípio e causa pelo que aquilo em que primeiramente se encontra move-se ou repousa por si mesmo e não segundo concomitância”<sup>15</sup>.

Não se buscará destrinchar aqui um pouco das intrincadas relações que existem entre *Física* e a *Metafísica*, assunto que já desenvolvemos em outros trabalhos. É suficiente indicar, que muitos dos principais conceitos da *Metafísica* aristotélica se relacionam diretamente seja com a natureza, seja com a multiplicidade e com o movimento. Conceitos

---

<sup>13</sup> Aristóteles, *Física*, 185<sup>a</sup>9-10.

<sup>14</sup> Aristóteles, *Física*, 184<sup>a</sup> 15. Tradução do autor.

<sup>15</sup> Aristóteles 192<sup>b</sup> 21-23. Tradução do autor.



Barbosa, Rafael Mello

Sobre o Princípio de não-contradição : Entre Parmênides e Aristóteles

como *essência, forma, ‘aquilo que já era ser’, matéria, ato, potência* e, mesmo, *primeiro motor*, somente tomam sentido em um quadro de mundo como o descrito na *Física*.

Essa íntima relação com o mundo natural não seria diferente no que tange ao PNC : “*é impossível o mesmo existir e também não existir simultaneamente no mesmo conforme o mesmo (modo)*”<sup>16</sup>. Se tomarmos para análise apenas a primeira parte deste enunciado, ele irá parecer, como vimos, com a formulação de Parmênides; isso, porém, seria abandonar a compreensão do enunciado por completo – e, não, entendê-lo em toda sua complexidade. Além de, evidentemente, ao compreender na formulação do PNC uma parte mais fundamental, afirmar um princípio anterior ao PNC, que é reportado pelo estagirita como o primeiro.

Analisando de maneira sintética o enunciado do PNC e reordenando a negação, podemos dizer que é impossível dizer de X, Y e não-Y simultaneamente, de modo que também é possível dizer de X, Y e não-Y não simultaneamente; dessa forma, vemos que o tempo, a partir do advérbio *hâma* (simultaneamente), é determinante no enunciado do PNC e influencia na possibilidade e na impossibilidade de atribuir e ser.

Recoloquemos, então, o enunciado do PNC não pela ótica dos itens que ele impossibilita, mas, ao contrário, segundo aquilo que ele torna possível (pois, assim, evidencia-se que por esse princípio Aristóteles procura lançar bases para uma compreensão segura do mundo móvel, múltiplo e sensível): **é possível que exista e não exista desde que não seja ao mesmo tempo, no mesmo e segundo o mesmo**. Há, nesta maneira de por o enunciado do PNC, uma afirmação latente do não-ser, que não aparece como o nada completo, mas como um outro ser. De modo completamente diferente da formulação de Parmênides, o PNC mostra que existem coisas que podem existir e não existir, desde que não estejam juntas simultaneamente ou segundo a mesma categoria. Como já dito, ao contrário do que possa parecer, o PNC não busca determinar tão-somente o mundo imóvel e perene, isto é, ele legisla também sobre coisas que são e podem não ser (perecer), sobre coisas que não são e podem ser (vir a ser) e sobre coisas que são e não são. E tudo isso se passa de forma bem diferente da filosofia parmenídea.

Portanto, as formulações desses autores estão, efetivamente, em posições opostas. Confundi-las é supor que o ‘ser’ de Parmênides é um princípio que legisla sobre as coisas

---

<sup>16</sup>Aristóteles, 1005b 19-21. Tradução do autor.

Barbosa, Rafael Mello

Sobre o Princípio de não-contradição : Entre Parmênides e Aristóteles

móveis, sensíveis e corruptíveis, ou é desconsiderar a proposta Aristotélica de compreensão do mundo natural. É assumir que o sentido de ser (*éstin*) no fragmento B2 de Parmênides tem o mesmo sentido que existir (*hypárkhein*) na formulação do PNC em Aristóteles – quando, para o primeiro, o ser é único e, para o segundo, há muitas maneiras de dizer o ser.

É intrigante a razão de muitos autores considerarem Parmênides o precursor do PNC, apesar de a seus horizontes filosóficos revelarem-se contrários, inclusive no que diz respeito ao primeiro princípio. Talvez esta interpretação resulte da compreensão do PNC como um princípio meramente lógico. Dizer que o PNC é meramente lógico significa dizer que ele só tem validade e só atua no âmbito da predicação, da fala humana. Mais: o PNC, segundo essa corrente de interpretação, faz parte de um conjunto de regras lógicas que devem ser obedecidas para que o argumento seja considerado válido. Isto é, ele faz parte da estrutura formal que é completamente abstraída da sua relação com conteúdo, e por isso, Parmênides já o estaria utilizando, na medida que seu discurso obedece à algumas dessas regras.

É inegável que o PNC é um princípio que atua no momento em que, procurando conhecer, nos pronunciamos a respeito de algo. Entretanto, seria vão considerá-lo como o mais firme de todos os princípios se ele não revelasse a estrutura da realidade. Isto fica patente quando Aristóteles diz qual deve o objeto de investigação do filósofo que há de enunciar o PNC “é natural que o que mais sabe acerca dos entes enquanto entes possa enunciar...”<sup>17</sup> Falar do ente enquanto ente é um outro modo de falar da essência, e o filósofo que há de pronunciar o primeiro princípio deve saber acerca da essência dos entes (notemos aqui o plural), simplesmente, porque o PNC tem que ver diretamente com a essência dos entes e com seu modo de realização.

Mais à frente o filósofo acrescenta: “a dificuldade não está em saber se é possível que uma coisa seja e não seja simultaneamente homem quanto ao nome, mas quanto a realidade”<sup>18</sup>. Quer com isso nos alertar que a problemática que acarreta a compreensão do PNC não se esgota no âmbito do nome, na semântica e na sintaxe, mas pretende trazer a dimensão necessária da realidade sensível.

---

<sup>17</sup>Aristóteles 1005b -5. Tradução do autor.

<sup>18</sup>Metafísica,1006a34. Tradução do autor.

Barbosa, Rafael Mello

Sobre o Princípio de não-contradição : Entre Parmênides e Aristóteles

No estudo do vir-a-ser realizado no livro I da Física, estão elencados três princípios do vir-a-ser, dois contrários, forma e privação, que são ditos, por sua vez, de algo mais fundamental, a saber, o subjacente.

Alguém poderia propor ainda a seguinte dificuldade, supor que a natureza está nos contrários, mas nenhum de nós vê a essência dos entes nas coisas contrárias. É preciso não afirmar o princípio de algo subjacente, pois haverá princípio de princípio. Com efeito o subjacente é princípio e julga-se ser anterior às coisas ditas dele.<sup>19</sup>

Os contrários aparecem como tais porque um não se gera do outro, porque são intercambiáveis e porque um contrário não se transforma a qualquer contrário (o não-músico passa a músico, não a branco), mas sempre no seu oposto determinado. Os contrários se comportam como a presença e a ausência de uma mesma característica que um determinado subjacente pode assumir. Uma vez que são auto excludentes, os contrários requisitam um terceiro princípio, mais fundamental, que permita a passagem de um polo a outro e torne a falta uma presença possível. Esta estrutura de contrários nos remete de imediato ao PNC, e ao seu aprofundamento na realidade. *Grosso modo*, não é qualquer coisa que pode se tornar músico, mas somente o homem, e não qualquer homem, mas aquele que não for músico, pois se o homem já fosse músico, não poderia se tornar um. É impossível predicar de um homem músico e não músico simultaneamente e se percebe como possível que o homem não-músico torne-se homem músico em um momento posterior. O PNC é uma explicitação mais elaborada, desenvolvida em suas nuances lógico-epistemológicas desta relação de princípios ontológicos e não pode desvincular-se dela. O caráter ontológico do PNC ligado ao mundo natural explica porque o argumento do precipício (1008b) é lícito e não um recurso retórico grosseiro ou uma falta de recursos para a persuasão. O argumento do precipício nos coloca na dimensão mais radical em que testamos a nossas crenças e perspectivas hermenêuticas sobre o real e nesse momento o PNC aparece com toda sua força, ele será assumido quer acreditemos nele ou não, simplesmente porque não podemos ficar indiferentes com a presença ou a ausência do mundo, e o modo de ser da realidade que se imprime em nós.

De outra maneira, o motivo, que ocasionou a confusão entre Parmênides e Aristóteles concernente ao PNC, pode ser o anacronismo. Hoje nós temos uma posição

---

<sup>19</sup> Física 189<sup>a</sup>27.

Barbosa, Rafael Mello

Sobre o Princípio de não-contradição : Entre Parmênides e Aristóteles

privilegiada para a compreensão da tradição filosófica grega uma vez que vemos o seu ciclo consumado. Vemos como a filosofia cresceu e se desenvolveu de Tales de Mileto até Aristóteles. Mas esse panorama que temos não nos permite dizer que a filosofia grega, que para nós se conforma deste modo, já possuía desde o princípio um impulso necessário para a sua conformação no que foi. Isto é, não há determinismo na criação humana, e a filosofia é uma criação humana; e como criação humana está sujeita aos diversos paradigmas e alterações histórico-sociais. Só podemos supor que Parmênides foi o precursor do PCN porque Aristóteles, posteriormente, enunciou o PNC e, se não tivesse havido esse Aristóteles na história da filosofia, não confiaríamos este estatuto de precursor do PNC a Parmênides. Parmênides viveu num contexto histórico-social, num ambiente de confronto de ideias, de argumentação, de objetivos teóricos completamente diferente de Aristóteles e dizer que ele teria sido precursor do princípio mais famoso e fundamental da doutrina aristotélica não faz dele um pensador ainda mais genial e importante e daquele um “plagiador”, mas obscurece aquilo que é próprio e predominante em cada um deles.

#### Referências bibliográficas:

- ANAXIMANDRO, PARMÊNIDES e HERÁCLITO. *Os Pensadores Originários*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Vozes – Petrópolis, 1999.
- AUBENQUE, Pierre. *Essai critique in Études Sur Parménide*. Paris: Librairie Philosophique J.Vrin, 1987.
- \_\_\_\_\_. Le problème de l'être chez Aristote. Paris: PUF, 1962-1983. AUBENQUE, Pierre, BRUNSCHWIG, Jacques et al. *Études aristoteliciennes*. Paris, Librairie Philosophique J Vrin, 1985
- AQUINO, T. *In Metaphysicam Aristotelis commentaria*, ed. Cathala, Torino, 1950
- DIELS, KRANZ. *Die Fragmente Der Vorsokratiker – 3B - Zürich: Weidmann, 1996.*
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale 1*. Paris: Éditions Gallimard, 1992.
- CASSIN, Bárbara. *Si Parménide*. Lille : P.U. de Lille, 1980
- CAUQUELIN, Anne. *Aristote - le langage*. Paris: P.U. de France, 1990.
- CHERNISS, H. *Aristotle criticism of Presocratic Philosophy*. Baltimore, 1935.
- CORNFORD, F.M. *Principium Sapientiae - As origens do pensamento filosófico grego*. Lisboa: F.C.G., 1981 (Ed. M.M.R. dos Santos).
- KHAN, Charles. *Sobre o verbo grego ser e o conceito de ser*. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 1997.

Barbosa, Rafael Mello

Sobre o Princípio de não-contradição : Entre Parmênides e Aristóteles

HEIDEGGER, Martin. *QUESTIONS I et II. Qu'est-ce que la métaphysique? De l'essence de la vérité. Ce qu'est et comment se détermine la PHYSIS*. Paris: Gallimard, 1968, 1990.

JAEGER, Werner. *Aristóteles*. México: F.C.E., 1992 (Ed. J. Gaos).

\_\_\_\_\_. *Paideia*. São Paulo: Martins Fontes, 1979, (Ed. A. M. Parreira).

MURACHO, Henrique. *Língua Grega: visão semântica, lógica, orgânica e funcional*. São Paulo: Discurso Editorial / Editora Vozes, 2001. 2v.

PARMÊNIDES. *Da natureza*. Trad. Jose Trindade do Santos. Edições Loyola; São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Sur la nature ou sur l'étant*. Trad. Barbara Cassin. Éditions du Seuil, 1998.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga - volume I e IV*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SANTORO, Fernando. *Poesia e verdade - interpretação do problema do Realismo a partir de Aristóteles*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *Parmênides na encruzilhada* in SOFIA, revista semestral de filosofia da Universidade Federal Do Espírito Santo. Ano VII-Nº07-20001.

\_\_\_\_\_. *Da Natureza*. OUSIA/UFRJ, 2006.

SANTOS, José Trindade Santos. *Da natureza – Parmênides*, Brasília: Thesaurus, 2000.

### **Obras de Referência:**

BAILLY, Anatole. *Le Grand Bailly, Dictionnaire Grec-Français*. Hachette, Paris 2000.

GÖTZ, Dieter; HAENSCH, Günter; WELLMANN, Hans. *Grosswörterbuch Deutsch als Fremdsprache – Langenscheidt*. Berlin und München, 2003.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário grego-português/ Português-grego*. Livraria Apostolado a Imprensa. Braga.

LIDDELL, Henry G. & SCOTT, Robert. *Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendonian press, 1968

SMYTH, Herbert Weir. *Greek Grammar*. Harvard University Press, 1984.

[Recebido em junho de 2015; aceito em julho de 2015.]